

# GOLPES E REVOLUÇÕES

RAUL PILLA

**É** DE GRANDE inquietação o ambiente nacional. Ninguém sabe já o que faça, por ser incerto e temeroso o futuro próximo. Há quem receie o golpe. E há também os que, sinceramente ou não, afirmem não crer nêle, por não haver ambiente para êle.

Há nisto, a meu ver, uma contradição. Ou, melhor uma confusão. Golpe de Estado não é revolução. Esta, sim, não prescinde do ambiente favorável. Requer temperatura e pressão adequadas, sem o que não se produz a ebulição popular. Mas o golpe dispensa tais condições, embora com elas se possa tornar mais fácil. O golpe pode desfechar-se a frio. Basta dispôr-se de certas posições-chaves, para que êle se torne possível e, até, inevitável.

Bem sei eu porque se diz não haver ambiente para golpe. Quer-se significar, com isto, que as Classes Armadas não estão dispostas a concordar com a aventura. E' certo: mais do que nunca, acham-se elas imbuídas de espírito constitucionalista. Mas extremamente duvidoso é que, em 1937, a grande maioria das Classes Armadas estivesse concorde com o golpe de Estado. Foi tomada de surpresa, como de surpresa foi tomada a Nação. Para o desfechar, bastou ao presidente da República assegurar-se a cumplicidade de alguns generais, colocados em determinadas posições. Nada impede, portanto, que, neste sistema de poder pessoal, se repita, ou, pelo menos, se possa tentar a aventura.

Imagine-se, por exemplo, que, ocupadas convenientemente certas posições estratégicas, o sindicalismo oficial determine a greve geral dos transportes, como as tem provocado em outros setores econômicos. Que poderão fazer as Classes Armadas em defesa da Nação, se estão paralisadas pela greve?

Convém evitar alarmes, mas ainda mais convém evitar descuidos. Não há ambiente para golpes: mas os golpes prescindem de ambiente. De toda forma, fácil será encenar a agitação popular que os justifique.